

PROFESSORES DO ACASO: RESULTADO DE UM PROCESSO HISTÓRICO**Área Temática: Educação****Davidson José de Sousa Oliveira**

Professor licenciado em educação infantil pela UNIPAC – Barbacena-MG, Pós-graduado em Orientação Escolar, Supervisão Escolar e Psicopedagogia pela Faculdade Castelo Branco – Colatina-ES

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar um estudo histórico e sociológico sobre as motivações que levam as pessoas a escolherem a profissão de professor. Abordaremos aspectos relativos ao papel do professor na sociedade, aos processos de construção de sua identidade profissional, e as características que fazem dele um sujeito cada vez mais abalado pelas articulações político-ideológicas que regem as ações que definem os destinos da educação e de seu principal sujeito interventor, a saber, o professor. Pretende-se entender como surgem as dificuldades e os problemas que afastam os estudantes da carreira docente. No mesmo sentido, buscaremos compreender como o docente se tornou, ao longo do tempo, um colaborador inconsciente dos processos de dominação social e porque ele não tenta, ou não consegue, se libertar de tais amarras.

Palavras-chave: Docência, Educação, Profissão

ABSTRACT

This paper aims to conduct a historical and sociological study of the motivations that lead people to choose the teaching profession. Discuss aspects of the teacher's role in society, the processes of construction of their professional identity, and features that make it a subject increasingly shaken by political-ideological articulations that govern the actions that define the targets of education and its main intervention subject, namely, the teacher. Aim is to understand how come the difficulties and problems that keep students from teaching career. Likewise, try to understand how the teaching has become, over time, an unwitting collaborator processes of social domination and because it does not attempt to, or can not, be free of such restraints.

Keywords: Teaching, Education, Job

1. INTRODUÇÃO

Para quem vive a realidade da escola pública no Brasil fica mais fácil entender o propósito deste diálogo. Discutiremos as razões que levam as pessoas a optarem pela carreira docente e faremos um cruzamento de ideias para

compreendermos como a defasagem da carreira docente é historicamente orquestrada para que não ocorra uma perigosa *revolução na maneira de se pensar na docência como instrumento de transformação social*, já que esta, apesar

de não poder ser considerada o ponto de partida para uma reviravolta na educação¹, é a principal ferramenta de transformação da significação da atividade profissional do professor. Podem-se destacar, no campo da pesquisa sobre docência, alguns estudos sobre a escolha da carreira que merecem atenção. Valle (2006) destaca que esta escolha pode ser provocada pela impossibilidade de concretizar outro projeto profissional, devido à oferta limitada de habilitações profissionais. Sobre esse assunto, Yong (1995) já apontava que a maioria das pessoas opta pela docência por razões altruístas e/ou intrínsecas e poucas a escolhem por razões extrínsecas (FOLLE & NASCIMENTO (2008))².

A carreira docente perdeu, ao longo dos tempos, sua nobreza e representação social. Já não é símbolo de sabedoria e *status* tal como era no passado. Na verdade, é exatamente o contrário. O profissional de educação é uma figura tão defasada, seja em qual nível ou cargo esteja, que até os desenhos animados ilustram sua decadência. Usarei o exemplo da figura do diretor da escola primária de Springfield no desenho Os

Simpsons, de Matt Groening (FOX), o professor e diretor da Escola Primária de Springfield, W. Seymour Skinner, é solteiro e mora com sua mãe idosa. Às vezes revela certa instabilidade mental. Outras vezes parece trazer algumas neuroses de guerra, adquiridas após lutar como soldado em conflitos que lembram a Guerra do Vietnã. Mas no geral é tido como um dedicado servidor público. Não se pode esquecer que o criador da série teve a intenção de criticar a sociedade americana e suas formas de organizar as instituições, bem como seus paradigmas sociológicos e políticos. Seymour Skinner é a imagem frágil e psicologicamente abalada pela qual a sociedade vê o profissional da área da educação. Temos a histórica criação e moldagem de uma figura fora dos padrões normais. Ele é tido por vezes com dificuldades de interação nos grupos sociais, ainda com restrições comportamentais que variam entre a timidez a isolamento.

Nota-se que existe uma concepção de que o profissional de educação possui fraquezas que podem servir para fragilizar sua postura, seu entendimento e, sobretudo, sua capacidade de intervir no meio político-educacional. Essa é a tentativa de rebaixá-lo a simples cumpridor de ordens que são impostas de cima para baixo. Entendo que é uma maneira de manter a classe calada, submissa e impotente, afinal, o poder público tem consciência da força deste grupo, caso ele se organize, acorde e reconheça sua própria força.

Existem outras representações que não necessitam serem citadas aqui, mas que têm algo em comum com o citado acima: a condição de insegurança e fragilidade do sujeito profissional em educação. Levando em consideração que o desenho foi, e é, produzido nos Estados Unidos, grande potência econômica e educacional; um dos melhores e mais eficientes sistemas de educação do

¹ Considero que a *cultura de expectativa das famílias com a educação dos filhos* é o ponto de partida. Portanto, não sou a favor de um despejo repentino de bilhões em recursos públicos em salários ou formação de professores, nem em melhoria das redes físicas. Após centenas de reformas e tentativas inúteis, é preciso saber enxergar que não se pode querer a mudança “da escola para fora” e sim “da escola para dentro”. Isso só será possível mudança de pensamento, começando pela federalização do ensino fundamental.

² FOLLE, Alexandra, NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Estudo sobre desenvolvimento profissional: Da escolha à ruptura da carreira docente. Maringá, v. 19, n. 4, p. 605-618, 4. trim. 2008.

mundo, fica claro que o problema de submissão e fragilização não é exclusivo da classe docente de países emergentes ou subdesenvolvidos. Os dilemas não acontecem só nos países pobres ou em desenvolvimento, mas por todos os cantos do mundo. Eles só mudam de forma, mas causam desconfortos e desilusões semelhantes.

Então, qual é o papel social do professor? Por que não pensar que ele é o sujeito que é usado para reproduzir os interesses das classes dominantes? O profissional em educação precisa compreender que não será possível produzir uma pedagogia libertadora, que favoreça o pensamento próprio e a independência, se não desenvolver em si mesmo, primeiro, a própria consciência de libertação. Digo das amarras de um currículo que desastrosamente produz cidadãos passivos e submissos. Das falsas ideias de educação democrática e para todos, que não fazem outra coisa senão enfraquecer o sentimento de autonomia. O atraso no pensamento educacional não pode ser analisado como um fenômeno regional, quando é mundial. Fala-se em globalização econômica sem associá-la a educação. Se o domínio é um fenômeno mundial, seja sob o planejamento capitalista ou socialista, como é possível se pensar em autonomia e independência com bases na educação e no saber sem considerar a influência das ideologias nos currículos e nas práticas pedagógicas? O professor não conhece essa dinâmica e fica neutro, com o firme pensamento de que está apenas cumprindo seu papel e que não pode fazer nada para mudar uma situação que se apresenta determinada por uma organização hierárquica com poder político infinitamente superior ao idealismo que pode existir no meio docente.

1.1. ENTRE A TEORIA, A PRÁTICA E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

A limitação técnica, teórica e prática, que é outro problema no meio docente, não chega a ser, totalmente, culpa dos professores. O que se vê é uma profissão de oferta vasta, com exigências mínimas e cursos de formação de qualidade duvidosa, pouco fiscalizados, fáceis de concluir, que geram profissionais não descomprometidos, mas desconhecedores de seu papel social. Os salários ínfimos são somente a compensação por algo que, aos olhos do poder dominador, está de bom tamanho, já que a profissão não exige tanta bagagem técnica. “Esses aspectos de ordem individual e contextual são essenciais para compreender a atratividade da carreira docente na percepção do jovem, ou seja, a opção ou não pelo magistério deve ser analisada considerando fatores intrínsecos e extrínsecos” (TARTUCE, NUNES, ALMEIDA (2010)).

Apesar de não existirem estudos que apontem altos números de casos de escolha pela docência por acidente ou acaso, podemos dizer que não é confiável aceitar isso, já que a julgar pelos métodos de coleta de dados e de análise, seria improvável que alguém que estivesse na docência admitisse que ingressou na profissão por falta de opções ou perspectivas. Faço aqui, com todo respeito, uma crítica ao método da entrevista semiestruturada e ao questionário Likert, que podem ser fatores de interferência na veracidade das respostas, neste caso. O entrevistado pode se sentir ferido ao responder a verdade sobre a escolha da profissão, e pode omitir a verdade por vergonha.

É sabido que um dos motivos de desestímulo para a escolha da profissão são os baixos salários. É o que mais afasta os alunos brilhantes da docência, as condições de trabalho seguidas da falta de mobilidade profissional. Pode-se incluir

também a notória fragilidade do professor, percebida pelo aluno. Existem aqueles que ingressam por opção e desistem por desilusão quando se deparam com uma profissão sem voz e demasiadamente submissa. Ainda nota-se que em muitos casos os profissionais se vêem desmotivados e insatisfeitos, mas alegam que não há como abandonar a carreira em decorrência da idade, dos poucos recursos de que dispõem, das responsabilidades que assumiram durante suas vidas. E, por fim, que em uma época de tantas incertezas profissionais é melhor ter algum salário do que salário nenhum. Reside neste pensamento também a ideia de segurança que o serviço público passa. Alcançar um posto de professor na rede pública representa seguridade e traz certa tranquilidade. (NETO, 2005)³. A atuação docente deixou de ser uma prática norteadas pelo *entender* e passou a ser regida pelo *obedecer*. Os medos e as fragilidades fazem com que os professores vejam a profissão como simples ocupação, e esperam, sem ânimo, o dia em que entregarão os cargos para a aposentadoria ou, em alguns casos, o dia em que perecerão por alguma doença ou neurose causada pelo descaso com a docência.

1.2. SACERDÓCIO OU SIMPLESMENTE PROFISSÃO?

Muitas das atribuições historicamente dadas à docência lhe conferem um caráter de sacerdócio. A imagem do profissional está ligada a um sentido de interseção ou intermediação, típicos da atividade dos sacerdotes. Isso é uma figuração de uma situação que vem sendo caracterizada há

tempos. Sua identidade profissional é profundamente influenciada e mesmo transformada pelos contextos sociais nos quais está inserido. Seus medos e fragilidades são o oposto do que acredita conseguir com seus alunos através da educação. Mesmo acreditando ser agente de transformação social, sua força encontra-se, senão adormecida, totalmente apagada. Sobre sua identidade profissional e seus dilemas:

Parece que esse caminho é excessivamente tortuoso, se não considerarmos que a ação profissional do professor está condicionada por uma série de outros fatores e inserida num processo muito mais amplo que o seu espaço/tempo de atuação. Evidentemente que não pretendemos ignorar que os problemas advindos das dificuldades na interação social com as comunidades onde trabalha, a insatisfação com as condições de trabalho, baixo reconhecimento social, sentimentos de insegurança em relação à sua integridade física afetam diretamente o trabalho do professor. Porém, esses fatores não podem ser os únicos indicadores para analisarmos uma suposta crise de identidade profissional do professor. Há outros indicadores a serem considerados, como por exemplo, crenças, valores éticos e morais, representações construídas/adquiridas sobre ser professor, etc. Isso significa que devemos considerar que a formação de um professor, e conseqüentemente a construção de sua identidade profissional, resulta de um processo de construção de múltiplas identidades que repercutem direta e significativamente no fazer docente.

³ NETO, Manuel Fernandes de Sousa. O Ofício, a Oficina e a Profissão. Reflexões sobre o lugar social do professor. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005.

Além disso, não se pode perder de vista outras implicações desse processo, como por exemplo, as políticas públicas e a forma como o Estado lida com seus professores.(GOMES, 2008)

De maneira nenhuma é objetivo deste artigo desanimar ou desestimular ainda mais os professores, mesmo por que o Estado já o faz muito bem. Quem seríamos para fazermos isso melhor do que o poder público? Desejo que eles se localizem no processo de construção social e entendam que uma revolução na educação deve começar por uma mobilização coletiva da sociedade, e em pelo professor, pois este sabe do que a população carece e compreende por onde deve começar a reviravolta definitiva. Mas volto a afirmar que a forma com que as coisas acontecem está sendo milimetricamente orquestrada pelo poder dominador para que a estagnação permaneça e que os professores sejam sempre mansos cordeiros que aceitam a imolação de maneira submissa e dócil.

Então, onde a profissão de professor lembra o sacerdócio? Exatamente na importância passiva, que remete uma atmosfera semelhante aos votos de pobreza e obediência feitos por certos grupos de sacerdotes. Estes, apesar de serem vistos pelo povo como intercessores e fundamentais para fazerem a ligação do humano com o divino, parecem desprovidos de qualquer coisa que lembre idealismo ou militância, se sustentando, então, somente pela fé. Os professores são portadores de um poder libertador que pode pôr fim aos processos de dominação, mas não o fazem por serem demasiadamente carregados de sentimentos de submissão e medo. A imagem da professora, senhora de meia idade, com afeição senil, que escolheu a profissão não por sonhar em ser um agente da educação, mas por que

sentiu um chamado vocacional, quase no sentido religioso, para ensinar, mesmo que isso não lhe rendesse um salário digno e condições mínimas para executar um bom trabalho. Em outras palavras, ser professor era trabalhar única e exclusivamente por amor à causa.

Assim sendo, Neto (2005) descreve o papel do professor de tal maneira que chega a afirmar,

Pode-se dizer que a maior parte das pessoas que nos últimos cem anos aprendeu a *ler, escrever e contar* passou pela escola, foi assistida por um desses profissionais cujo ofício é ensinar. Mesmo em países com baixas taxas de escolaridade, os profissionais do ensino foram mais presentes nas vidas das pessoas que quaisquer outros profissionais, chegando em certos casos a ter um papel na educação de crianças, adolescentes e jovens que superava o das famílias. Pensando por esse viés pode-se dizer que os profissionais da educação, nomeadamente os professores e professoras, por intermédio da sala de aula, tiveram e têm grande responsabilidade sobre os destinos que a sociedade tomou e toma. (NETO, 2005)

O autor faz aproximar a imagem do professor com a daqueles que deram origem a profissão. Sabe-se que a relação entre mestre e discípulo era semelhante à de professor e aluno, com a diferença que o mestre passava ao discípulo um saber próprio, carregado de peculiaridades pertinentes ao ego, as metanarrativas e ao sentido filosófico. Já o professor ensina, muitas vezes consciente, aquilo que lhe é proposto diretamente, i.e, ele não é um sujeito da construção do conhecimento escolar, é um intermediador e reproduzidor do saber pré-estabelecido.

Porém, encontramos autores que têm visões diferentes das nossas, e que mostram o professor como alguém que sobrevive ao tempo com uma imagem moralista e autoritária, ao contrário do que dissemos. Esse profissional é, por vezes, usado para explicar parte das origens da indisciplina na escola, sendo apontado como pivô da inimizade existente entre o aluno e a escola. O aluno não gosta da escola por que ela lhe traz limites que ele não tem em casa, e não se conforma em perder a liberdade, e isso os torna inimigos.

“Queremos dizer com isso que a antiga imagem de um professor como símbolo da autoridade e da providência moral tem sido substituída pela imagem de um adversário a ser derrotado pelo aluno; a imagem da escola como ambiente seguro onde crianças e jovens poderiam desenvolver os valores morais e democráticos é substituída pela imagem de um território conflagrado; a imagem do aluno como aprendiz dócil a ser encaminhado para vida em sociedade é substituída pela imagem de um aluno rebelde, problemático, portador de todos os vícios e de nenhuma virtude. Os extremos dessas “representações” não deixam dúvidas de que as expectativas em relação à escola, alunos e professores mudaram radicalmente. A representação de “ser professor” assume outros sentidos para os quais nem sempre os candidatos ao magistério estão devidamente preparados.” (GOMES 2008)

Gomes estabelece a relação que pode ser uma das vertentes de pesquisas sobre escola e sociedade. Suas colocações invadem o espaço social da instituição

educacional e fazem um paralelo sobre a antiga e a nova postura do professor, mostrando que à medida que o tempo passa, ele se torna um profissional sem voz, que se perde em meio aos próprios rumos da escola, desconectando-se das organizações político-educacionais e desprovidos de idealismos que possibilitam, por exemplo, sua organização sindical e sua militância política.

Então, onde está a culpa do professor na manutenção de uma educação carregada de ideologia de dominação? Afirmo, em lugar algum! Não há culpa quando se é um produto da situação! Estamos falando de profissionais que desde sua formação fundamental foram moldados para não questionar a hierarquia social e seus níveis de poder. São pessoas que tiveram formação superior, se este for o caso, em que não aprenderam nem como ensinar e nem para quê ensinar. Não tomam decisões livremente. Vivem num contexto social onde o que importa é o presente, o consumo, a sensação de mais um dia de trabalho árduo cumprido. Para eles não importa de onde vêm as ordens; o que importa é ter uma gratificação mensal creditada na conta bancária. Não são culpados pelas desgraças do país e sabem que não conseguirão mudar a sociedade, pois já se acostumaram a não ter força. Por fim, uma classe que já pediu para sair de cena por que não vê outra alternativa para a sociedade a não ser a eterna submissão ao poder dominador. Não pode carregar nas costas a responsabilidade de salvar o país do caos social. Portanto, a resposta do título deste texto é “profissão”. Digo isso por que não há caráter subjetivo ou objetivo que possa diferenciar a profissão de professor e erguê-la em meio a tantas outras para destacá-la. Isso a deixaria poderosa demais e seria uma ameaça interessada na sua decadência. O professor já esteve

tão bem colocado em meio às outras profissões, que não era considerado um profissional que prestava serviço em troca de remuneração. Relatos históricos dos primórdios da atividade docente mostram-no mais como um mestre a disciplinar seus pupilos do que como um profissional que galgava um caminho para se chegar a uma profissão. Podemos retornar aos antigos gregos ou mesmo às civilizações mais primitivas para compreender o papel do mestre nas mais variadas esferas sociais. Fosse o meio militar ou no campo da aprendizagem de uma profissão, temos naquele que ensina a imagem da transmissão do saber por meio da experiência. Portanto, apesar das diferenças, os antigos mestres e os modernos professores se assemelham na essência de seus objetivos. Os fatores de interferência na prática pedagógica, que são inúmeros, é que afetam a consolidação de seus objetivos.

Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005

TARTUCE, G.L.B.P.; NUNES, M.M.R.; ALMEIDA, P.C.A. **Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, p. 445-477, maio/ago. 2010

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. **Estudo sobre desenvolvimento profissional: Da escolha à ruptura da carreira docente**. Maringá, v. 19, n. 4º trim. 2008.

GOMES, A.A. **A construção da identidade profissional do professor: uma análise de egressos do curso de Pedagogia**. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008.

MOREIRA, A.F.B. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

NETO, M.F.S. **O Ofício, a Oficina e a Profissão. Reflexões sobre o lugar social do professor**. Cad. Cedes,